



# PARA ALÉM DAS LIVES

## entrevista Rafael Dutra

Olá ouvinte, este é o **PARA ALÉM DAS LIVES**.

Meu nome é **Frederico Pessoa** e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Com a pandemia da covid-19, a gente teve que se isolar em casa. Todo mundo lembra das quantidades infundáveis de álcool e água sanitária nas compras, nos alimentos, aquela quantidade absurda de pedidos que a gente fazia pela internet, as máscaras na cara o tempo todo e, não sei vocês, mas eu quase não ia nem a um supermercado. E a música? Pois é, nada de shows, boteco com música ao vivo, festas com djs ou bandas... A música parou...

E ninguém sabia se e quando as coisas iam voltar ao normal. Só sobrou pra gente a internet... aquela coisa: todo mundo mergulhando nos Spotifys e Youtubes da vida... E dá-lhe Lives!!! Quantas Lives você viu na pandemia? Eu tenho certeza de que não foram poucas... Mas a maioria dos músicos não sabia como ia sobreviver sem poder tocar ao vivo... Todo mundo já sabe que músico não vive de Spotify... As coisas não eram tão fáceis quanto parecia pra gente que só queria escutar uma musiquinha, ficar de boa, aguentar os tempos difíceis ao som das nossas trilhas musicais favoritas... Bom, faço parte de um grupo de pesquisa no Departamento de Comunicação Social da UFMG, que se chama ESCUTAS. Em 2020, a gente pesquisou o impacto econômico da pandemia sobre os músicos de Belo Horizonte. Os resultados saíram num artigo na revista Frontiers e o título foi: O impacto da covid 19 no setor musical de Belo Horizonte. O link é este: <https://www.frontiersin.org/research-topics/14089/social-convergence-in-times-of-spatial-distancing-the-role-of-music-during-the-covid-19-pandemic>

Os dados mostraram que em 2020, quando a gente fez a pesquisa, o número de músicos que tinha como renda mensal um salário mínimo ou menos pulou de 5,8% para 43,9%. Se a gente olhar todas as faixas de remuneração levantadas na pesquisa, a porcentagem de músicos que viu sua receita mensal reduzir significativamente foi de 70% do total. 37% pararam totalmente com a música - nem tocar, nem aulas, nem gravar... Muitos não conseguiram achar solução

e não foram poucos os que abandonaram a música pra viver de outra coisa - ou sobreviver de outra coisa. Por outro lado, teve quem procurou algum jeito de continuar na música. Claro que não foi fácil...

Ao longo de 2021 e início de 2022, ainda na pandemia, conversei com músicos de BH sobre as soluções que eles buscaram para continuar com suas carreiras e como tentaram se adaptar aos novos meios e formatos de circulação da música. Cantautores, DJs, percussionistas, multi-instrumentistas, gente do choro, do samba, do carnaval, do rock, da produção de áudio, deram seus depoimentos e contribuições que poderão nos ajudar em momentos por vir. Portanto, fique por aí, pois há luz no fim do túnel!! Nesse primeiro episódio, a conversa é com o Rafael Dutra, músico e produtor musical, com uma história longa, que começa lá na Casa Azul, e que continua hoje no estúdio Acústico Motor, produzindo, mixando e masterizando inúmeros artistas. Além disso, o Rafa acaba de lançar um disco novo, o Agora, com várias participações e que está disponível nas plataformas de streaming. Ele conversou comigo sobre sua experiência durante a pandemia, como encontrou formas de gravar com alta qualidade à distância, que usou em suas produções, e como ele imagina o futuro dessa relação entre música e tecnologias de comunicação.

## **PARA ALÉM DAS LIVES: música e tecnologia pós-pandemia.**

**Frederico:** Ei Rafa, tudo bom? Bom, antes de mais nada, obrigado. Obrigado pela sua disponibilidade, de você conversar um pouco comigo, falar um pouco da sua experiência na pandemia, né? Bom, pra gente começar a conversa, eu queria perguntar para você, como é que tá sendo mesmo a pandemia para você? Como que ela tá afetando o seu trabalho? Não sei se você já usava as tecnologias de comunicação, se você era muito presente nas redes sociais, no YouTube. E se, com a pandemia, isso mudou para você. Se teve alguma diferença no jeito que você está usando essas redes, esses sistemas de comunicação e de troca online.

Bom, eu queria saber também se de alguma forma as tecnologias, essas que estão aí e que conectam diferentes locais, pessoas, essa coisa bem do tempo real, se elas já estavam presentes no seu trabalho. E se não estavam, se elas entraram de algum jeito, com essa coisa da gente ter essa necessidade de estar um pouco mais no virtual. Acho que uma última pergunta que eu queria te fazer, é se você lançou mão de algum financiamento para manter seu trabalho. Porque essa é uma questão também importante: como é que a gente consegue? Não só essa migração, mas consegue manter funcionando as coisas? Se a gente dá conta por nós mesmos, se só com essas tecnologias, ou de repente, se a gente precisa de outra coisa.

Então, não sei se você fez algum crowdfunding para alavancar algum trabalho se usou leis de incentivo né? Ou a Lei Aldir Blanc,

que tá aí, né? Saiu recentemente. Enfim, eu sei que você trabalha mais focado na engenharia de som, na produção musical. Então, de repente você pode falar um pouco, como é que foi isso aí nesse campo. Porque é um campo diferente do das outras pessoas com quem eu tô conversando e já conversei, né? Acho que é isso. Bom, então deixa eu te dar um espacinho pra falar! Para não ficar só eu falando, né? É isso.

**Rafael:** Salve Fred! Beleza meu caro! Vou tentar te responder.. Acaba que uma pergunta entra um pouco na outra, né? Vou ver se eu consigo falar de uma forma o mais objetiva possível. A pandemia me afetou bastante, principalmente no ano passado. O ano passado foi um ano bem... Bem complicado. Porque uma parte da minha renda, eu diria que uns 30 a 40% da minha renda, vinha de shows ao vivo, né? Tanto de sonorizações que eu fazia, como técnico de P.A., de monitor, quanto gravações de shows. E, nos últimos tempos, eu não tava tanto fazendo cachês de músico. Essa é uma coisa mais esporádica, mas também era uma realidade, até 2018, principalmente. Mas, enfim, o principal impacto econômico que rolou de imediato para mim foi a queda dos shows, eventos e afins. E, obviamente, naquele primeiro momento rolou um fechamento geral, um lockdown geral, né? Eu tive que cancelar muitas das gravações que eu já tinha planejado, muita coisa que estava marcada.

Eu dei uma certa sorte que um cachê grande meu, de um disco cheio que eu fiz e tal, deu um atrasada e acabou caindo exatamente em março, Então, acabou que eu não fiquei tão, tão no perrengue de grana porque caiu essa esse cachezão para mim em março, que segurou meu março, abril, até meados de maio. Então, eu comecei a ficar realmente muito preocupado nessa época, tipo maio, junho, né? Quando a gente viu que o negócio ia perdurar mesmo. Não ia ser um negócio rápido e tal. E uma coisa que eu consegui fazer, que foi uma saída, foi trabalhar mais online, né? Eu já dava aulas online. A gente já fazia muitas reuniões via Zoom, etc, mas eu não trabalhava tanto online assim. Então, o que eu comecei a fazer: eu comecei a dar mais aulas de áudio, que é a minha especialidade hoje em dia. Eu já dei aula de música também, de violão, de guitarra, mas hoje em dia eu dou mais aula de áudio mesmo. Então eu ampliei um pouco a minha minha rede de alunos, que até então era uma coisa bem mais esporádica, e foi um negócio meio boca a boca, sabe?

Acabou que rolou uma necessidade de muitos músicos de se virarem para gravar em casa, de comprar uma plaquinha, de comprar um microfone e querer começar a produzir as coisas em casa. Então, muitos amigos meus me procuraram querendo ter algumas aulas de áudio para conseguir se virar e tal. Então eu comecei a ter mais alunos. E surgiram, nesses últimos anos, muitas ferramentas de comunicação e transmissão em tempo real de gravações e etc. Então, uma coisa que eu comecei a disponibilizar no meu estúdio também, foi a gravação online, né? Na qual eu consigo fazer uma transmissão

através de um aplicativo que se chama Listento, da Audio Movers, que é um aplicativo que permite que você envie um som direto do seu software de áudio (no caso, eu uso Pro Tools no estúdio) para até 40 pessoas. É um link de streaming que você transmite com qualidade 100%, sabe? É tipo a qualidade de um MP3 320 kbps. Então, é uma qualidade assim... Praticamente como se eu tivesse colocando um fone para você lá no meu estúdio. E aí, tem inclusive algumas vantagens, né? A pessoa escuta na referência que ela já está acostumada, em casa. E a gente se comunica em tempo real. Então eu tava fazendo assim: eu fazia uma ligação de Zoom com a pessoa, pra gente se falar, se ver, e a pessoa escutava o áudio do Pro Tools. E isso funciona tanto pra gravação quanto para mixagem, masterização. A pessoa escuta o áudio do Pro Tools pelo link que o Listento gera. Isso gera uma super comodidade, nesse sentido de gravação online, que a pessoa pode acompanhar a distância.

E eu fiz muitas gravações online. Eu produzi três trabalhos: dois discos e um EP, 100% à distância. Um deles inclusive, um camarada que mora no interior do Rio de Janeiro me contactou, e a gente fez tudo online. Ele veio para Belo Horizonte só para gravar as vozes. Mas enfim, foi bem online mesmo, porque um dos músicos que eu contratei estava em São Paulo. Então foi assim: gravamos baterias em Belo Horizonte; o Paulinho Sartori gravou baixo, bandolins, algumas guitarras e pianos lá de São Paulo; eu produzindo, dirigindo o Paulinho daqui, e o Rodrigo lá do Rio de Janeiro, acompanhando online. Então foi bem interessante. E fiz vários trabalhos que o pessoal gravou em casa. Acabou gerando também essa demanda das produções caseiras, né? Rolou alguns trabalhos que o pessoal gravou em casa e me chamou pra mixar e masterizar. Então acabou



que, no meu caso, o mercado deu uma leve mudada, mas enfim, não foi totalmente catastrófico, igual foi para muita gente que, por exemplo, vivia 100% de gigs, né? De shows e tal.

Enfim, resumindo melhor, através dessas plataformas eu consegui expandir um pouquinho o serviço que eu ofereço. Hoje em dia, a tal da gravação online tá rolando pra caramba. Essa semana mesmo eu gravei um baixo com a Camila, e o Antônio Loureiro, lá de São Paulo, produzindo, dirigindo, e a Camila gravando aqui em BH. Enfim é uma coisa que me salvou bastante. Esse ano, o começo do ano, o primeiro semestre foi muito bom para mim, porque rolou a Aldir Blanc, e eu não aprovei o meu projeto de disco, mas eu consegui um projeto de bolsa, né? Aquela bolsa, acho que de R\$ 7.000, para fazer um curso, que eu vou lançar agora, no finalzinho do ano. Um curso de iniciação à produção musical, engenharia de som. E em muitos trabalhos que foram aprovados de discos, EPs e Singles, eu acabei trabalhando como engenheiro de som, como produtor musical, como músico. Então rolou muita coisa para mim, sabe? E rolaram várias Lives também. Várias gravações e transmissões e tal.

Então foi um ano bom para mim, muito por conta da Aldir Blanc. Agora no segundo semestre, foi frio no começo. Deu uma esfriadinha depois que passou o boom da Aldir Blanc. Mas agora no finalzinho de ano, tá legal de novo. Assim, sabe? Bastante coisa... Algumas Lives. Então acabou que, para mim, a pandemia não foi totalmente catastrófica financeiramente como foi para muita gente no mercado musical, sabe? Eu não usei tanto as redes sociais. Eu acabei meio que mantendo o meu uso de antes. Na verdade, ano passado, foi o ano em que eu usei menos Instagram da minha vida! Mas, esse ano eu lancei um Single do meu trabalho de compositor e tal. E aí eu dei uma bombadinha no meu Instagram. Fiquei uns 2 meses postando bastante. Fiz uns ensaios fotográficos, enfim... Mas não tive um retorno direto pro meu trabalho de engenheiro de som, produtor musical, que é o que realmente paga as minhas contas hoje em dia, né?

**Frederico:** Muito legal, legal demais. Obrigado. Você falou muita coisa bacana, muita coisa importante, né? E já contribuiu bastante. Acho que as suas respostas têm muitas coisas que estão ali misturadas, né? Eu queria era detalhar mais alguma coisa, justamente. Alguns aspectos do que você já falou, do que você trouxe. Me pareceu que você já tinha uma inserção, como você diz, uma rede de contatos na música. Já estava muito inserido no mercado, né? Vamos dizer assim, atuando em várias frentes e tal, principalmente no seu campo de trabalho, obviamente. E talvez isso tenha permitido a você continuar trabalhando na pandemia, porque você já tinha essa inserção. E aí talvez isso explique porque você não usou muito as redes virtuais, como você mencionou, né? Não sei. Você pode me dizer um pouco mais. Se você acha que é por aí mesmo, né? Foi uma leitura que eu fiz escutando você.

E uma outra coisa, é que você fala dos cursos que você começou a

fazer e que está oferecendo. Foi surgindo uma demanda de alunos, gente que queria aprender a usar essas tecnologias de gravação, de produção musical, [que queria ter] um certo grau mínimo de entendimento da engenharia de som. Eu queria que você falasse um pouco mais disso. Desse curso que você vai lançar pela Aldir Blanc. Como é que vai ser. Você pode detalhar um pouco mais? Se é aberto, se é perene ou temporário, só ao vivo... Enfim, se puder detalhar um pouquinho mais, te agradeço.

E outra coisa que você mencionou também, assim rapidamente, é que fez Lives, né? Como é que funcionava a sua atuação nessas Lives? Você estava indo presencialmente fazer a parte do áudio toda? Como é que rolou? E teve um financiamento? Você foi pago? Foi camaradagem? Como é que foram rolando essas atividades para você? E acho que uma última coisa, já assim para ir adiantando uma conversa também, [é que] a gente está voltando ao presencial nesse momento. O que você acha disso? Você acha que seu trabalho vai voltar mais a ser presencial mesmo? Você acha que esse campo virtual que você abriu, ele vai permanecer? Como é que você vê esse futuro? Essa questão das novas tecnologias, inclusive a do Listento que você citou? Acho que é Listento, né? Se não me engano. Você acha que vai permitir uma fluidez no virtual? Que vai se aproximar do presencial? Como é que as coisas vão se estruturar entre essas tecnologias e a música. Assim, aquilo que você possa dizer sobre isso tudo que vai vir aí pra frente pra você, né?

**Rafael:** Cara, realmente o primeiro ano, tipo, o ano passado, eu praticamente não fiz uso de redes sociais. E o uso que eu fiz é o que eu sempre tinha feito antes, que é postar uma gravaçãozinha ali, uma mixagem acolá. Enfim, uma coisa que o meu filho... Mas eu postei muito pouco, sacou? Então o que aconteceu foi isso mesmo. Eu já tenho uma rede de trabalho muito boa, muitos contatos, né? Eu já trabalho com música em Belo Horizonte, sei lá, há 15 anos, né? Nos últimos 10 anos de forma mais intensa, e também no áudio, não só como músico. Então aconteceu muito isso. Aconteceu tanto de pessoas que eu já estava trabalhando antes que continuaram trabalhos... Artistas que resolveram lançar singles, mixar trabalhos que foram gravados em casa no meio da pandemia, etc.

E tive essa demanda de alguns alunos que apareceram justamente pela demanda que a pandemia gerou, né? De comprar uma plaquinha, de conseguir se produzir, de conseguir se virar, de melhorar a qualidade das produções caseiras, né? Mas eu não posso considerar que essas aulas foram o diferencial absoluto no que se refere a ganho financeiro, porque não foi. Na verdade, assim, foi muito massa, né? Expandir um pouco minha minha rede de trabalho... Me fez enxergar que isso é um potencial a ser explorado no meu trampo também, essa parte da didática de aulas. Mas não considero que foi algo tão significativo assim, financeiramente falando.

Mas foi muito legal por outros motivos, né? Por exemplo, esse curso que eu vou lançar agora, eu vou lançar no final do mês agora, é um curso que eu fui contemplado pela Aldir Blanc, né? E é um curso que eu resolvi fazer muito baseado nessas experiências que eu tive com os meus alunos. De ver que essa demanda de um conhecimento básico de áudio e de dicas de como comprar equipamento etc., é bem importante, né? Então rolou um bocado disso e mudou meu flow de trabalho nesse sentido, né? Porque eu passei a pensar um pouco mais na coisa da didática, mais do que eu pensava antes e vou começar a produzir mais material de áudio para internet, né? Eu saquei, com essa pandemia, a necessidade de também expandir a minha rede de trabalho para além dos meus colegas de profissão de Belo Horizonte. Porque é uma coisa que eu fiz pouco até hoje. Eu já produzi pessoas de fora, já fiz alguns trabalhos online, mas quase todos conectados à cena musical de Belo Horizonte, né? Então, assim, a maior parte das gravações online que eu faço, tem a ver com a cena daqui de BH. Eu produzi um trabalho de um camarada do Rio de Janeiro, só que a conexão também foi com algo de BH, que foi o disco da Lamparina Primavera. Que é um disco que eu produzi em 2017 ou 2018, não lembro agora. Mas, enfim, o camarada pirou com o disco e me contactou por causa disso.

Mas uma coisa que eu quero ter num futuro breve, é uma presença digital maior e expandir esse meu networking, né? Pra mixar trabalho de pessoas do Amapá, do México etc. E investir também nessa questão das aulas online pagas, né? Eu vou soltar esse curso gratuito, da Aldir Blanc, que é um curso básico, porém, bem legal. E vou começar a produzir materiais de áudio em geral para, num futuro próximo, ano que vem, provavelmente no segundo semestre, começar a lançar cursos pagos, né? E pretendo que isso vire uma fonte de renda significativa no futuro. Algo que eu tenho visto vários profissionais conseguirem, é criar uma presença digital massa e depois começar a vender os seus produtos, né? Seja os próprios cursos, aulas, consultorias, e mixagens, masterizações, produção musical, gravações online, enfim, né? Eu acho que é um mercado que é gigante e que tá começando a expansão, sabe? Eu acho que o mercado do futuro é bem online. Inclusive, isso entra no próximo assunto, você me perguntou o esquema das Lives.

É eu fiz bastante, mas não fiz tanta Live assim. Conheço amigos meus, técnicos, que trabalham mais com ao vivo, que fizeram muito mais do que eu. Como eu sempre fui esse cara 70% estúdio, 30% ao vivo, eu meio que mantive essa proporção, né? Então eu fiz bastante coisa. Devo ter feito, sei lá, umas 12, 15 Lives, mas nada comparado a outros amigos meus que trampam muito com ao vivo, que fizeram talvez aí centenas, né? Mas, para mim foi significativo em termos financeiros, porque eu peguei alguns projetos maiores, né? A maior parte das Lives que eu fiz foram de projetos que tiveram algum tipo de patrocínio. Algum tipo de incentivo fiscal ou fundo. Enfim, eu fiz projetos como o Jazz de Montanha, que era lei estadual. Fiz Festival de Música Infantil, que também era lei estadual. Fiz coisas para

o BDMG. Enfim, a maior parte das coisas que eu fiz, foram trabalhos com mais aporte financeiro. Então foram cachês bons, cachês de mercado, né? E fiz algumas coisas mais em conta também, mais baratas, no meu estúdio, né? Fiz um pacote com Luiz Evo, que é um parceiro meu do vídeo. Que desembolou também. Enfim, a gente fez um esquema massa. A gente está fazendo um pacote que, com R\$ 2.000, a gente faz uma live fodona, com tudo que precisar de estúdio, de vídeo e transmissão.

E eu acho, cara, que com a volta do presencial o que vai acontecer é o seguinte. Eu já fiz alguns shows presenciais, já fiz algumas gravações presenciais. No caso, ao vivo em teatro. Porque o meu trabalho continua sendo presencial. Desde junho do ano passado eu reabri o estúdio e comecei a receber clientes, etc., né? Então cabe porque uma boa parte do meu trabalho presencial já estava acontecendo bem desde antes da pandemia dar uma arrefecida, né? E eu acho que vai acontecer o seguinte: o formato digital, o formato online, das Lives, ele é algo que eu acho que vai se perpetuar e vai ser melhorado. Enfim, eu acho que é uma coisa que ainda tá um pouco em desenvolvimento, né? A pandemia obrigou a gente a dar esse gás, esse boom. Mas ainda é uma tecnologia que falha muito... Problemas de transmissão... Equipamentos que, às vezes, são muito caros para funcionar bem. Os que não são caros funcionam mal. Enfim, a pessoa vai pegando a manha do negócio. E o que eu acho que vai acontecer, é que todos os eventos grandes vão ser formato híbrido. Acho que tudo quanto é show, festival etc., vai rolar isso, sabe? Tipo assim, presencialmente o ingresso é R\$ 150,00, mas você pode adquirir o ingresso pra transmissão online a 25 conto, sacou? Então o que eu acho que vai acontecer é que os festivais, os produtores e tal, vão fazer o formato híbrido sempre, né? E algumas vezes para fazer de forma gratuita, né? Alguns eventos serão públicos e tal, e muitas vezes vão ser eventos privados, que você compra o ingresso da Live para assistir na sua casa, sacou?

Então, eu acho que o mercado do futuro caminha muito para isso, sabe? De... obviamente, sempre vai ter o presencial e tal, mas o online vai ficar, vai continuar sendo algo muito significativo (sic), e, no futuro breve [em] que a tecnologia ficar fodona, tipo assim, qualquer Live que você assistir vai ter um som bala, um som tipo de DVD. Muitas pessoas vão animar também, sabe? Tipo “sabe velho, deixa eu comprar aqui o ingresso do Sarará para eu assistir o festival aqui em casa”. Vai lá, paga 30 conto, né? O potencial que o festival tem de atingir muita gente pela internet é gigante. Então, pode ser algo lucrativo para as empresas e que pro consumidor vai ser legal também, né? Ele tem a possibilidade de assistir ali, ao vivo, em casa. É isso meu velho! Espero ter ajudado!

**Frederico:** Ótimo! Acho que foi super claro, assim, em vários aspectos. Bom, eu queria que você fizesse uma coisa que era pra ser no início, mas eu me esqueci né? Que você falasse um pouquinho da sua trajetória e do que que você anda fazendo atualmente.

**Rafael:** Bom, eu comecei na música desde moleque. A minha família sempre foi muito musical: meu pai era colecionador de discos, minha mãe sempre pirou muito em música. Então eu cresci numa família que escutava música o tempo inteiro e me colocaram para fazer aula de música desde pequetinho. Eu fiz aula de piano, flauta doce, musicalização, mais ou menos dos 5 até os 7, 8 anos, quando eu mudei para BH. E aí eu fiquei um tempo sem estudar música. Fiquei sem tocar, etc., mais ou menos até uns 12 anos, quando eu voltei a me interessar por tocar. Eu redescobri um tecladinho que tava guardado lá no armário, já há anos... Comecei a brincar, fazer algumas coisas nele. E aí logo na sequência, quando eu tinha 13 anos mais ou menos, eu entrei pra uma banda de rock. Formei essa banda com amigos da escola e começamos a tocar um repertório de pop rock nacional e internacional, passando por Raimundos e Planet Hemp, e voltando no U2. Enfim, tocamos de tudo. E essa banda, que no comecinho se chamava Escombros, depois veio a se chamar Sagaz.

E foi essa banda que foi minha primeira banda da vida, e foi uma banda que durou até 2008, quando eu tinha mais ou menos uns 18 anos. Então foi uma banda que durou aí uns 5, 6 anos, e no final das contas, a gente fazia já um som autoral, né? Nós começamos a fazer o autoral, desde que eu tinha lá uns 15, por aí. A gente começou a focar bem no autoral, composições minhas, produções minhas e tal. E com essa banda, a gente chegou a gravar um EP. É um EP que tem no Palco MP3. Tem em alguns lugares online. Dá para escutar até hoje, mas não tá no Spotify! Nem vai estar mesmo, né? Porque é um trabalho mais antigo mesmo, que não representa o meu eu artístico, por assim dizer. Mas tenho muito carinho por essa história do Sagaz, né? A gente tocou bastante em BH, tocando em todos os festivais de rock que tinha na época, todos os palcos de casas de show... Enfim, dei uma rodadinha legal com o Sagaz. O Sagaz terminou em 2008, né? Como eu disse. E nessa mesma época, foi uma época em que eu comecei a traçar os primeiros passos do que viria ser minha carreira solo, né?

Nessa época também eu comecei a compor trilhas pra teatro. Eu fiz parte de um grupo de teatro, o Faca Amolada. Eu fiquei durante dois anos e comecei a produzir trilhas. Fiz trilhas para cinema, pra publicidade, trilhas pra rádio, pra teatro. E fiquei, nesse período aí, entre 2006 e 2010, por aí, fazendo bastante coisa nesse sentido. Em 2010, eu realmente comecei a botar na prática o meu trabalho solo, né? Em 2011, eu comecei a gravar meu primeiro disco e eu tava gravando ele no estúdio que eu tinha, que era um estúdio de um coletivo que chamava Casa Azul. O coletivo fez muita coisa legal em Belo Horizonte. A gente chegou a ter um programa de rádio que durou um bom tempo, durou uns três anos na [rádio] Inconfidência. Fizemos bastante coisa, festivais, saraus. Foi um coletivo/estúdio/selo em que a gente produziu mais de 40 discos ligados ao selo. Vários deles produzidos lá na Casa Azul mesmo, e foi na Casa Azul que

eu gravei o meu primeiro disco, né? Que é o Oásis de Vidro, um disco de 2014. Comecei a gravar em 2011... Na verdade, em 2012, porque em 2011 eu tava gravando o que seria o EP que deu origem ao CD depois. Uma história trágica com final bom... Porque eu comecei a gravar esse EP e o HD queimou. E acabou que, no final das contas, eu resolvi regravar. Mas resolvi regravar um disco em vez de gravar um EP, e virou o Oásis de Vidro. Como eu disse, foi lançado em 2014. E em 2014 eu lancei o disco e rodei com ele. Fiz shows em BH, shows em São Paulo... Dei uma rodadinha interessante. O disco, na época, teve uma recepção muito boa. Saiu em praticamente todos os sites que fazem aquelas listas de melhores do ano, etc. O disco chegou a ter quase 30 mil downloads no site que eu lancei oficialmente, que era o Jardim Elétrico.

E desde 2012, eu trabalho como produtor musical, gravando outras pessoas, produzindo outras pessoas, né? Eu já produzia trilha, já produzia jingles, etc. Em 2012, lá na Casa Azul, como eu comecei a ter um estúdio em que eu poderia gravar, eu comecei a produzir outros artistas também. E aí fiz vários discos lá na Casa Azul: fiz o disco do De Souza, primeiro disco dele; o primeiro trabalho do Paulo Rocha. Gravei trabalhos do Gustavivo, Leandro César, Eliane Betarchini. Enfim, de diversos artistas e bandas aqui de Belo Horizonte. E em 2016, eu abri o meu primeiro estúdio profissional, que era o Estúdio Motor. Foi um estúdio que durou de 2016 até esse ano. De 2016 a 2022. Foi o estúdio em que eu realmente comecei a trabalhar bastante com produção musical, engenharia de som, né? Me tornei engenheiro de som mesmo, de gravação, de mixagem. Principalmente nesse período que eu fiquei no Motor, é... Eu me formei na Bituca, na Universidade de Música Popular de Barbacena, em engenharia do som e produção musical. Eu sou da turma que entrou em 2012 e formou em 2015. Então eu já vinha construindo, né? É tanto um know how, quanto uma clientela de engenharia de som, de produção musical.

Mas foi com o Motor, em 2016, que eu realmente comecei a ter um respaldo e um volume de trabalho maior, né? Então, desde 2016, meu principal trabalho é como produtor musical e engenheiro de som, né? Claro que o compositor, o artista está sempre aí, né? Acabei de lançar um disco novo, inclusive. Mas, enfim, afunilando mais a história, eu trabalho hoje em dia no Acústico Motor, que é um estúdio que a gente reabriu agora há pouco. A gente reabriu o Acústico, né? Que era um estúdio lendário da Daniela Renó que, infelizmente, faleceu em 2018 e o estúdio ficou fechado desde 2017, mais ou menos. A gente reabriu como Acústico Motor. A gente juntou as duas forças, os dois estúdios, os dois nomes, e estamos com esses estúdios, que fica ali no Prado, que é um estúdio maravilhoso, e que tem muita história. E nós estamos agora dando continuidade a essa história maravilhosa, né? E hoje em dia eu tenho produzido bastante coisa: vários discos que eu produzi saíram nos últimos tempos, alguns dos últimos premiados. Como o disco do Marcos Ruffato, que é o Vata, que ganhou prêmios e foi prensado no Japão. Eu trabalhei com vários artistas super interessantes nos últimos tempos: com o Rafael

Martini, o Alexandre Andreia, o Sérgio Pererê... Enfim, tem vários discos que eu produzi que vão sair por agora também. E é isso!

Tenho feito muita coisa na área de engenharia de som, de produção musical. E retomei agora, nesses últimos meses, meu trabalho como artista solo, né? Eu lancei meu disco novo chamado Agora, que é um disco do qual eu tenho muito orgulho. Eu comecei a gravar em 2018, finalizei as gravações em 2020, mas esperei dar uma arrefecida nessa pandemia desgramada para conseguir lançar! Foi bem legal. Eu lancei no Savassi Festival, pelo selo do Savassi Records, e o disco já tá em todas as plataformas, né? Só procurar por “Agora”, Rafael Dutra. E é um disco muito especial que eu fiz com uma banda muito foda: o Rafael Martini nos pianos, Yuri Velasco, o Gabriel Bruce na bateria, Paulinho Sartori no baixo, o Pedro Durães fez as eletrônicas e co-produziu o disco comigo. Tem muitas participações legais. Tem participação do Kristoff Silva, da Mariana Cavanellas, PC Guimarães, Felipe Vilas Boas, Felipe José... É uma galera muito massa, e o disco tem uma sonoridade que eu gosto bastante, que conversa muito com o rock, com o Jazz, com a MPB, com eletrônico. É experimental em certo sentido, mas é pop também, por outro. Então é um trabalho que me orgulha bastante.

Então as principais frentes que eu tenho atuado nos últimos tempos são essas, né? Eu trabalho como engenheiro de som, fazendo gravação, mixagem, edição e masterização. Faço som ao vivo, né? Sonorização, gravação ao vivo. E também tem o meu trabalho de artista. Hoje em dia eu não toco mais com outros artistas. Eu já toquei guitarra com várias artistas, já fiz... Tive esse meu lado mais instrumentista. Hoje em dia, eu foco principalmente no produtor musical, engenheiro de som, e compositor e cantor.

**Frederico:** Bom, obrigado demais! Foi ótimo. Acho que tem muita coisa legal aí, e que vai servir pra muita gente que escutar a nossa conversa! É isso. Obrigado e um abraço!

**Rafael:** Um abraço.

Você ouviu o **PARA ALÉM DAS LIVES**, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Para mais informações, acesse @para-alemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: [www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net](http://www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net). Até a próxima.

realização



incentivo



CULTURA



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA